



Crise financeira também tem efeitos desejáveis para a economia brasileira



O **mercado mundial de commodities agropecuárias** vai consolidando tendências para o médio prazo à medida que as feições da segunda década deste século vão se tornando mais firmemente diferenciadas das da anterior.

A **crise econômica** e financeira iniciada em 2008 não dá sinais de arrefecimento.

O sistema do euro corre sérios riscos, que se espalham pelo resto do mundo. O crescimento dos países de renda alta deverá permanecer muito lento, enquanto a maioria dos de renda média e baixa terá desaceleração.

Esses ajustes não trazem, no entanto, somente efeitos indesejáveis. Basta ter em conta que se podia antever que o prosseguimento do avanço acelerado anterior a 2008 fatalmente levaria a efeitos parecidos com os que a crise acabou causando.

Aquele forte **crescimento econômico** ocasionava imensa pressão de demanda por commodities diante da oferta que seguia mais devagar por depender de recursos naturais, já usados quase à exaustão ou no limite de tolerância do ponto de vista ambiental.

Era muito provável que essa trajetória levasse a uma **explosão inflacionária** desencadeada pelos **preços das commodities**.

O controle dessa inflação poderia levar muitos países à redução do crescimento e outros a um processo recessivo. A crise de 2008 produziu esse resultado saltando a etapa da inflação alta.

Mantendo-se o movimento de preços que se estende há um ano, desarma-se, em boa parte, a ameaça de escassez muito severa de alimentos e de outras commodities.

Agora, a partilha das disponibilidades pode ser mais equilibrada com a desaceleração dos emergentes, principalmente da **China**.

Diminuem os riscos de crises gravíssimas de **insegurança alimentar**.

Os preços parecem se firmar em nível ainda estimulante para os produtores mais eficientes. Oscilações continuarão a ser observadas em torno desse nível.

Não se pode descuidar dos avanços de produtividade e do **uso sustentável** dos recursos naturais, que garantem a oferta no longo prazo.

No Brasil, a acomodação nos **mercados de commodities** é vista com alívio, embora o país tenha sido grande beneficiário da explosão de preços que se verificava.

O crescimento econômico mais rápido de anos recentes viabilizou o aumento do emprego e da renda da maioria da população e a liquidação do crônico passivo externo.

O Brasil perde agora esses benefícios, mas ganha outros. Um deles é a queda histórica dos juros básicos e, surpreendentemente, dos "spreads" dos bancos, os quais juravam não haver como reduzi-los. Resta ver se essa nova realidade se sustenta.

A desvalorização cambial, também vista com alívio, provavelmente ajudará a conter a retração dos preços internos das commodities e a acalmar o setor industrial.

Pode, todavia, trazer custos importantes de longo prazo. Ela tende a reduzir a poupança externa, essencial para que o país sustente um patamar mais elevado de investimento, posto que o setor público não consegue gerar poupança em níveis adequados.

Aí está a raiz do baixo ritmo de crescimento do Brasil, que pode se estender por um período prolongado.

GERALDO BARROS é professor titular da USP/Esalq e coordenador científico do Cepea/Esalq/USP.